

PRESENÇA DO BRASIL EM CABO VERDE

Cassiano Nunes

Não há nada mais agradável que, de repente, surgir na nossa vida quotidiana, rotineira, a irrupção do imprevisível e aparecendo este como sinônimo de encantamento, significando episódio alegre, delicioso. O acontecimento ainda mais se valoriza, se magnifica, se for oriundo da lembrança generosa de um amigo oculto. Não é o amigo oculto, o admirador secreto, um anseio da nossa individualidade, num mundo cada vez mais despersonalizado, interesseiro e, às vezes, até cruel? Pois foi algo assim que me ocorreu na terceira idade, neste período tranqüilo da minha vida de aposentado, o que, nesta época desejosa de modernidade, quer dizer abandono, olvido e desolamento para os que já não são mais jovens. Acresce, a esta situação desfavorável, o fato de morar em Brasília, isto é, fora do eixo cultural Rio-São Paulo, que ignora e ensina a ignorar quaisquer valores intelectuais que existam no resto do país.

Acontece que, num dia feliz, fui chamado pelo Departamento de Assuntos Estrangeiros da Universidade de Brasília, onde me perguntaram se eu estava interessado em ir dar um curso, de duração de um mês, em Cabo Verde. É claro que eu estava interessado e pronta foi a minha resposta afirmativa, pois como o clérigo das *Histórias de*

Cantúaria de Chaucer — clássico que estudei devotadamente —, “com alegria aprendo e com alegria ensino.” Gilberto Freyre poderia chamar-me “um caixeiro-viajante da Literatura”, pois desde a mocidade fiz-me um peregrino das Letras. Cristina Stevens, colega do Instituto de Letras da UNB, encarregada do departamento que há pouco citei, encaminhou-me para o Departamento de Cultura do Ministério das Relações Exteriores, sob a direção do ministro Sérgio Telles, diplomata que é conhecido principalmente como artista, pintor. Aí, funcionários delicados acolheram-me atenciosamente. E um deles, eficientemente, ultimou o plano de viagem: Davino Ribeiro de Sena, poeta do meu conhecimento. A proposta para a realização do curso de Literatura Brasileira em Cabo Verde proviera da Escola de Formação dos Professores Secundários da cidade de Praia, a capital da nova república. Na ocasião, eu pouco sabia a respeito de Cabo Verde. Não ignorava, é claro, a sua situação geográfica, e, no Brasil, já conhecera e ouvira falar de caboverdianos, trabalhando no país. Sabia ainda que caboverdianos emigravam muito e que sua terra tinha um poeta chamado Baltasar Lopes, que fora amigo do meu conterrâneo Ribeiro Couto.

Cabo Verde é constituído por dez ilhas e oito ilhéus situados a 445 km. da África Ocidental. São ilhas vulcânicas que oferecem paisagens não só majestosas mas também surpreendentes, inéditas. Infelizmente viajei pouco por Cabo Verde, mas a jornada automobilística que fiz de Praia ao Tarrafal — fui pelo interior e voltei pelo litoral — deu-me a impressão simultânea do grandioso e do exótico. Temos, na ilha de Santiago, a ilusão de que a Natureza criou uma apoteose de pedra para contrastá-la, com força, com paixão violenta, ao mar. Em Praia, as falésias altaneiras, acompanhadas por fimbrias prateadas de praias, prolongam-se em platôs que possibilitam as construções urbanas — algumas elevadas, modernas — e a vida normal: a familiar, a profissional e a oficial. A estrada interna, que nos leva ao Tarrafal, passando por Assomada e algumas vilas, deslumbra pelos cenários que oferece, tão distantes das paisagens verdejantes das costas brasileiras e dos bosques de pastoral da Europa. Na ilha citada, o cenógrafo pôs de lado a simetria. A sua descrição rejeita os repórteres comuns e os cronistas medianos: exige estilistas do bárbaro, do escarpado, como Euclides da Cunha, cuja expressão verbal se

adequava ao imponente, ao desmesurado e ao trágico. Tarrafal expõe, conservado, o horrídeo campo de concentração salasarista. Lamentavelmente não fui à cidade de Mindelo, na ilha de São Vicente, que, segundo deduzo, contém melhor a essência social, cultural e histórica de Cabo Verde. Depois da independência, proclamada em 1975, Praia, a capital da República, tem crescido tanto e mudado tanto o seu estilo de vida, que não é decerto agora a cidade para melhor nos revelar o estilo tradicional da vida caboverdiana. Em Praia, o rápido aumento da população (criando problemas muito parecidos aos das cidades brasileiras em crescimento), a mutação política e a introdução refinada e alienígena da classe diplomática, transmudaram decerto a aparência antiga do burgo, dissolveram os sinais do castiço. Contudo, ainda, muito existe do passado, sobretudo na arquitetura, e essa permanência dos tempos coloniais impressionou-me fortemente, o que pode comprovar o poema que, então, escrevi, intitulado “À Procura do Brasil em Cabo Verde”.

“Passeio pelas ruas mais antigas,
mais típicas do platô
— ensombradas, tranqüilas,
com suas casas simples, modestas,
mas tão castiças,
tão portuguesas decerto,
tão brasileiras,
casas térreas de porta e janelas.
Já as vi em Santos, em Pelotas,
em Mogi das Cruzes, em Cuiabá,
no Recife e em Manaus...
Os antigos portugueses
porventura não notaram
a unidade de alma
que iam implantando pelo mundo,
através de sua arquitetura familiar,
austera e sólida,
e, contudo (imagino),
sempre com um sorriso
doméstico. Um perfil de flor.

Em outros lugares,
em outros poemas,
busquei o Brasil
percorrendo velhas ruas,
contemplando telhados,
beirais,
rótulas,
portas, janelas...

Estou em Praia
e procuro o Brasil.
Grito, brado:
quero o Brasil,
o velho Brasil (o Brasil permanente)
de volta!

Ando à sua procura,
pois se perdeu,
desapareceu,
no vagalhão lamacento
da falsa modernidade.

Insisto na procura
intensa e, talvez, inútil.
Quero o Brasil,
o velho, o autêntico Brasil
— o profundo, o íntimo, o uterino —,
sem ambigüidades,
evasivas. Sem impostura.

Não me dou por vencido.
Talvez seja um louco,
mas continuarei procurando o Brasil
em Cabo Verde.”

Esse impacto do passado, que senti em Cabo Verde, também ficou documentado por poema em que descrevi uma visita de turista a Ribeira Grande, a velha capital, em ruínas.

RIBEIRA GRANDE
(Ilha de Santiago - Cabo Verde)

“Cheguei muito tarde
à primeira cidade
fundada pelos portugueses
nos trópicos.

O que era majestoso
há muito
se acha em ruínas.

Porcos atravessam a rua,
indiferentes
a um possível automóvel.

No largo minúsculo,
só o pelourinho,
vertical,
nobre no seu estilo manuelino,
parece intangível.

Sua ominosa argola de ferro
ainda aguarda os acusados,
que, decerto,
se libertaram para sempre.”

Mas esses espectros do passado são exorcizados pelo progresso, pela modernidade de Praia. Nessa cidade, perto do mar, nas baixadas, vemos lindas e modernas vivendas, contrastando com os casinhotos de calhaus de basalto que rebarbativamente debruam as encostas dos morros, a cavaleiro das praias.

Num país tão fisicamente diverso do Brasil, há, no entanto, muitos pontos de contacto conosco. Quase toda a população escura, crioula, deriva dos escravos que vieram da Guiné próxima e dos colonizadores lusitanos, mescla feliz que oferece bonitos tipos de

peessoas. Também, hoje, o Brasil é um país fortemente marcado pela cor, e, ao que parece, perdeu o seu antigo ideal europeu de embranquecimento. Aqui, noto alguns resíduos escravocratas muito disfarçados na sociedade. Imagino que lá também devem existir. Há qualidades e defeitos comuns aos dois países.

Os caboverdianos, na sua maioria, estão próximos do mar e muitos deles são dados à pesca e aos trabalhos marítimos. O Brasil ainda hoje é um país salientemente voltado para o seu litoral. Nas primeiras décadas do século, Goiás ainda era um lugar horrível, quase inatingível, onde dominavam o atraso, a estagnação e as endemias, conforme testemunham os cientistas Artur Neiva e Belisário Pena na sua obra clássica *Viagem científica*. A raiva imorredoura contra Brasília, a meu ver, deriva desse “complexo” litorâneo, profundamente brasileiro, nostálgico da Corte, do europeísmo, sinônimo de civilização. Para o brasileiro comum, o interior é “o mato”, o sertão inóspito, que deve ser evitado. Atualmente, os meios de comunicação no Brasil e também em Cabo Verde, regidos pelos interesses industriais norteamericanos no setor, alienam o mais que podem as populações, que estão esquecendo os valores culturais locais. Contra esse domínio universal, a própria França está protestando cheia de razão.

Em Cabo Verde, país pedregoso, carente de chuvas e de água e de espaço restrito para plantações, pode parecer estranha a defesa de um movimento pela reforma agrária. Muitos o acharão uma aspiração doida, oriunda de influências externas. Todavia, bem analisado o problema, concluímos que o plano se justifica. A leitura dos cientistas sociais e até a ficção realista de autores notáveis como Teixeira de Sousa provam a racionalidade do programa inovador. Após meio século de estudo da problemática nacional, cheguei à conclusão de que o problema da propriedade da terra, do latifúndio, é o problema fundamental do Brasil. Todos os outros problemas derivam deste. Neste ponto, o Brasil e Cabo Verde se juntam, pois, no passado de ambos, avultam domínio colonial e escravidão. Desses dois elementos, surgem cá e lá as “famílias de mando” radicadas na propriedade da terra. No Brasil, a maior força política deriva da grande propriedade, do latifúndio. É uma força política que aprova, abençoa tudo o que lhe

garanta a continuidade no poder e o aumento das fortunas familiares. Os velhos coronéis foram substituídos por filhos bacharéis, genros economistas e noras sociólogas ou psicólogas, porque o elemento feminino também é aproveitado nessa política de dominação e exploração. Quem desejar o conhecimento do problema agrário em Cabo Verde, não deixe de ler *A transformação das estruturas agrárias numa sociedade em mudança – Santiago, Cabo Verde*, de autoria de Cláudio Alves Furtado.

Possivelmente, se houvesse melhor acesso à terra, melhores meios da população praticar a agricultura, não haveria tanta necessidade de os caboverdianos emigrarem. Simone Caputo Ferreira, professora brasileira, em tese sobre o poeta Daniel Felipe, caboverdiano transplantado ainda infante para Portugal, usa como epígrafe de um dos capítulos de sua tese *Uma recuperação em raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Felipe*, estas frases dolorosas do escritor Manuel Ferreira: “Caboverdiano só pensa na fuga. Reparem nisto: caboverdiano só pensa na fuga. Parece uma fatalidade.” De fato, caboverdianos laboriosos acham-se nos Estados Unidos, em Portugal (apesar da moeda ser fraca para os caboverdianos), na França, na Holanda, no Luxemburgo e em outros países. As sua remessas de dinheiro à terra materna constituem uma das principais fontes de divisas para o país natal. A propósito, lembremo-nos de mais uma aproximação do Brasil com o Cabo Verde: absurdamente, o Brasil também se tornou um país expedidor de emigrantes. Intelectual norte-americana já escreveu até uma tese sobre os “brasucas”, pois assim são chamados os mineiros que se transladaram para a terra dos dólares. Além disso, patrícios indesejados insistem em ir formar “favelas” em Portugal. Essa emigração fornecida por um país como o Brasil que, na verdade, carece de imigrantes, constitui um disparate só compreensível porque o Brasil moderno constitui o palco em que se apresenta uma peça do gênero “besteirol”. Segundo suponho, há, em Cabo Verde, a mesma porosidade, a mesma capacidade de naturalizar os estrangeiros, existente no Brasil. Aprendo na história social de Cabo Verde que, no passado, aí se mesclaram judeus aos da terra. Igualmente, aconteceu no Brasil. Brasileiros autênticos se tornaram Lazar Segall, Noel Nutels, Clarice Lispector...

O interesse pelo Brasil em Cabo Verde é grande tanto da parte dos intelectuais como entre o povo simples. Este, na sua ingenuidade, dedica o maior entusiasmo aos nossos jogadores de futebol. Senti que decepcionei algumas pessoas amantes do esporte quando lhes declarei que não era torcedor do Flamengo nem do Fluminense. Acharam-me decerto um brasileiro degenerado. A televisão faz um grande serviço a favor do Brasil, disto não há dúvida. O que é lamentável é que os meios de comunicação, tão avançados na sua tecnologia, apresentem um conteúdo intelectual tão primário. A rádio estatal em Cabo Verde difunde bastante a nossa música, mas a nossa música de qualidade inferior. Situação, na verdade, que é a mesma do Brasil. A rádio estatal de Cabo Verde é tão populistamente banal como a maioria das estações brasileiras. O caso da Brasília Super FM, sob a direção de Mário Garófalo, é um caso especial. Seu lema é verdadeiro. Nela, realmente, “a diferença é a música.” No momento, o nome mais famoso da nossa música, em Cabo Verde, é o de Roberta Miranda. Roberto Carlos é lá também muito conhecido, o que não surpreende. Vi os nomes e as fotos de Martinho da Vila e de Ivan Lins em cartazes colados nas paredes de Praia. Notável trabalho de educação popular (popular, sim, pois por que se negar, ao povo, a boa qualidade?) está realizando a Rádio Cultura de Lisboa. Contudo, a descaracterização das culturas nacionais está se realizando de maneira criminosa por negligência dos governos e a falta de protesto das pessoas esclarecidas. Que grande disseminador de “thrash”- lixo se tornou a República outrora idealista de Lincoln e de Walt Whitman! Invejoso de tão sinistro sucesso, o Japão, imitativo, segue servilmente os Estados Unidos. A música comercial, adaptada aos padrões estrangeiros, expulsa a música popular autêntica. Agora já é difícil ouvir fados nas rádios de Lisboa, de igual modo que não se ouve comumente, no Brasil, um Chico Buarque. Quanto a um Hekel Tavares ou Villa-lobos, pretendê-los será motivo de chacota.

De igual modo que o modernismo, no Brasil, prolongado e amadurecido depois de trinta, manifestou o seu profundo anseio de compreensão do país, o movimento *Clairidade*, no Cabo Verde, surgido em 1936, e liderado por Baltasar Lopes, decidiu pensar e interpretar a unidade luso-africana, típica, do arquipélago. Encontrou o autor

consagrado do *Chiquinho*, no Brasil literário da época, o modelo de trabalho e inspiração. Tornou-se lendária a amizade entre Baltasar Lopes e Ribeiro Couto, santista, poeta e contista de alta qualidade e o criador da “teoria do homem cordial brasileiro.” A influência dos escritores Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Jorge Amado e alguns autores nordestinos como Jorge de Lima e Amando Fontes, sobre os literatos caboverdianos, tornou-se fato evidente. Temos a prova evidente desse fato, ao lermos as numerosas entrevistas de autores caboverdianos, coligidas por Michel Laban em dois volumes indispensáveis para o estudo da literatura da antiga colônia lusa.

Num ensaio “Cabo Verde visto por Gilberto Freyre”, Baltasar Lopes explica como a leitura de certos autores modernos brasileiros concorreu para que ele e seus companheiros de geração começassem a ver analiticamente a sua terra. Eis algumas das suas palavras: “há um pouco mais de vinte anos, eu e um grupo reduzido de amigos começamos a pensar no *nosso problema*, isto é, no problema de Cabo Verde. Preocupava-nos o processo de formação destas ilhas, o estudo das raízes de Cabo Verde.

Entrevíamos o problema, mas faltava-nos a especialização e também a experiência deste tipo de estudos. Se exceptuarmos um ou outro domínio, como, por exemplo, o da linguagem, éramos perfeitamente hóspedes em tantos outros, como o da antropologia cultural, da aculturação, das relações de raça e de cultura, do folclore entendido como ciência.

Precisávamos de certezas sistemáticas que só nos podiam vir como auxílio metodológico e como investigação de outras latitudes.

Ora aconteceu que por aquelas alturas nos caíram nas mãos, fraternalmente juntas num sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais *pro domo nostra*. Na ficção, o José Lins do Rego do *Menino de Engenho* e do *Banguê*, o Jorge Amado do *Jubiabá* e do *Mar Morto*; o Amando Fontes *D’os Corumbas*, o Marques Rebelo do “Caso de Mentira”, que conhecemos por Ribeiro Couto; em poesia foi um alumbramento a “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira,

que, salvo um ou outro permeno eu visualizava com as suas figuras dramáticas na minha Vila da Ribeira Brava.”

A descoberta da poesia nordestina que o modernismo permitiu eclodir, após alguns anos de sua irrupção, continuou sendo feita pelo autor do *Chiquinho* que confessou: “em poesia outro deslumbramento foi o Jorge de Lima, em que o sinhozismo da “Nêga Fulô” e o super-realismo do “Menino Impossível” emparceiraram na nossa sensibilidade com o Jorge de Lima da *Túnica Inconsútil*.”

Curioso é notar que não só escritores brasileiros de espírito moderno deram sugestões a Baltasar Lopes. Também Afrânio Peixoto, estranho escritor, ainda não bem estudado pela nossa crítica — poeta *Art Nouveau*, cientista, romancista regionalista, erudito, acadêmico típico deu sugestões para a criação nativista do líder literário caboverdiano. Ao ler *Fruta do Mato*, do autor de *Bugrinha*, filho da Chapada Diamantina como Herberto Sales, Baltasar Lopes refletiu: “Tem graça, isto aqui desenha-me ambientes muito parecidos com os nossos... Por que é que eu não faço qualquer coisa?”

Em 44, surgia o primeiro número de *Certeza*, revista criada por Arnaldo França e alguns colegas seus, discípulos da figura, que podemos chamar de patriarcal, de Baltasar Lopes.

Manuel Ferreira, figura literária muito curiosa, português radicado em Cabo Verde, ou mais exatamente, homem que optou pela caboverdianidade — que ele próprio tenta definir —, conta como surge e como se estabelece o propósito da procura de uma identidade regional entre a juventude caboverdiana: “Era o tempo em que, nessa mesma poesia, conviviam duas pátrias: a pátria portuguesa, a pátria colonial, a super-pátria, e a pátria caboverdiana — a mátria.” Prossegue descrevendo a evolução mental dessa juventude: “Depois, aqueles jovens sentem necessidade de construir uma literatura nova. Não saberão bem como. Mas às mãos vão ter-lhes os grandes escritores brasileiros Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Jorge Amado, José Lins do Rego, sociólogos como Gilberto Freyre, Arthur Ramos — e tudo se lhes ilumina. Uma realidade social, em muitos aspectos semelhante

à sua, está ali nos textos dos escritores. Têm na sua frente o modelo. A partir daí, tudo foi relativamente fácil — e impressionante”.

Eis o que ele diz sobre a África e sua influência no Cabo Verde. Assim responde a esta pergunta “E a África?”: “Não, África não existe, realmente. Por mais que os africanistas, caboverdianos queiram, eles vão perder completamente a batalha, porque a África é realmente diluída, muito diluída. Será a caboverdianidade como é a cubanidade e já está a ser o problema da antilhanidade.”

Teixeira de Sousa, respeitado médico nutricionista, que é também importante romancista de Cabo Verde, também fala do seu conhecimento das letras brasileiras, que, entre as décadas de trinta e cinquenta, salientaram-se, fundindo atualidade e autenticidade: “Através dos *claridosos*, tomamos conhecimento da nova vaga literária que assolava o Brasil com Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Amando Fontes, Ribeiro Couto à cabeça. Também ficamos empolgados com as vozes que vinham do nordeste brasileiro, cujo ambiente humano se assemelhava ao nosso.” O contista de *Contra mar e vento* esclarece ainda melhor o seu pensamento: “A mensagem presencista desespartilhou as vocações literárias levando-as em busca da via pela qual pudessem escrever. A via foi iluminada pela corrente renovadora brasileira da década de 30.”

Luis Romano, de raízes afro-luso-judaicas, vive no Brasil desde 1967. É técnico na indústria salineira e radicou-se no Rio Grande do Norte. É autor do romance *Famintos*. Em vez de relatar relações literárias, ele prefere comparar estilos de vida: “Após o primeiro impacto, compreendi que o homem nordestino não era senão outro irmão meu: caboverdiano com costumes parecidos e vida quase semelhante. A grande diferença entre eles é que o primeiro vive num país-continente e o segundo nos penhascos de sua ilha. Ambos resistem, com a alternância de fome e fartura, idênticos problemas de desnutrição e desajustamentos socioeconômicos. A principal realidade social que constatei foi a seguinte: o caboverdiano mantém-se na pobreza endêmica e o nordestino vive na miséria diária. Desse fato criou-se um paralelismo dramático entre irmãos separados pelo mar ligados,

porém, pelo escravismo do monstro secular: o latifúndio.”

A doçura brasileira (a “morabeza” caboverdiana) atrai Orlanda Amarilis, esposa de Manuel Ferreira. Leu Graciliano Ramos, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade e gostou especialmente de *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, e de *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo.

Januário Lopes, sobrinho-neto de José Lopes, na juventude era comparado ao nosso Castro Alves, em virtude de sua basta cabeleira negra. Foi naturalmente leitor do poeta do “Navio Negreiro”, de Casimiro de Abreu, de Olavo Bilac. Os velhos almanaques de Lembranças e Bertrand, segundo esse escritor, difundiam os escritores referidos não só em Portugal como também em Cabo Verde. Adolescente, fui leitor do Almanaque Bertrand que me revelou, sobretudo, as poetisas portuguesas: Branca de Gonta Colaço, Virginia Vitorino, Alice Ogando, Fernanda de Castro...

Januário Lopes dá o seu testemunho: “Só tive conhecimento do modernismo brasileiro, a partir de 47, pelo meu tio Baltasar que me deu os livros. Então comecei a conhecer o Mário de Andrade, Bandeira, o Ribeiro Couto, o Jorge de Lima, o Augusto Frederico Schmidt, depois deles, o Drummond, o Ledo Ivo, o Melo Neto e também a ficção em prosa. Em 1947, comecei a conhecer os contos admiráveis de Marques Rebelo.” Lendo o “Quincas Berro d’Água” de Jorge Amado, o caboverdiano encontrava o ambiente da sua ilha de São Vicente. Acentua a semelhança entre brasileiros e caboverdianos e conta que seu tio Baltasar Lopes lhe mostrou algumas vezes cartas de Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Jorge Amado. Lembra, finalmente, que o conhecido músico caboverdiano B. Léza introduziu, na música da morna, o meio-tom brasileiro.

Corsino Fortes, poeta que tive o prazer de conhecer pessoalmente, sugere que, no seu poema “Do Nó de Ser ao Ônus de Crescer”, há uma possível influência do poema “E, agora, José?” do autor da *Rosa do Povo*. Armênio Vieira, na prisão, recebeu, de companheiros, livros de Manuel Bandeira. João Varela coloca, a meu

ver, corretamente, Jorge de Lima entre os grandes poetas do século, Eliot, Pound, Quasimodo, Pessoa, Kaváfis e Neruda. Jorge Carlos Fonseca salienta a importância de Jorge Amado e Érico Veríssimo. Jorge Miranda Alfama recorda que o grupo de seus amigos imitava atitudes de “os pastores da noite”, inventados por Jorge Amado, ao passo que Ovídio Martins incrustava Pasárgada no seu mundo poético. Doutra geração — a do momento maduro para a revolução — o herói-mártir Amílcar Cabral acusa os *claridosos* de evasionistas e de admiradores aristocratizantes de Pasárgada. Ignorava por certo o lutador patriota a simplicidade de vida do poeta do Beco das Carmelitas.

José Osório de Oliveira, ensaísta luso, muito afeiçoado ao Brasil, tendo chegado a escrever uma pequena mas fina História da Literatura Brasileira, repartia essa paixão ultramarina com o Cabo Verde. Ele estava perfeitamente habilitado a fazer uma análise comparativa entre as duas culturas. Destarte, assim se manifestou: “Os caboverdianos precisavam dum exemplo que a literatura de Portugal não lhes podia dar, mas que o Brasil lhes forneceu. As afinidades existentes entre Cabo Verde e os Estados do Nordeste do Brasil, predispunham os caboverdianos para compreender, sentir e amar a nova literatura brasileira. Encontrando exemplo a seguir na poesia e nos romances modernos do Brasil, sentindo-se apoiados na análise do seu caso pelos novos ensaístas brasileiros, os caboverdianos descobriram o seu caminho. Um grupo se formou com o nome de “Claridade.”

É sabida a origem do nome do grupo caboverdiano “Claridade”. Proveio do movimento lançado, na França, após o desconsolo da Iª Grande Guerra, por Henri Barbusse, autor dos livros anti-guerreiros e anti-imperialistas *Le Feu* e *Clarté*, e a corrente repercutiu bem na Argentina onde se fundou importante editora chamada “Claridad”. Tanto quanto sei, ela era fortemente política e esquerdista. Curiosamente, em Cabo Verde, perdeu as características políticas. Como Gilberto Freyre, Baltasar Lopes foi até admirador de Charles Maurras, apóstolo da direita. No Brasil, *Clarté* inspirou o grupo de escritores rebeldes Zumbi, conforme testemunho do comunista e franciscano Afonso Schmidt. No livro *São Paulo dos meus amores*, o

poeta do Cubatão primitivo nos deixa o seu testemunho romântico. Schmidt informa que, no Rio de Janeiro, chegou a sair uma revista chamada *Claridade*.

Houve possivelmente bastante correspondência entre escritores caboverdianos e brasileiros. Por isto, deixo aqui uma sugestão: a publicação dessas cartas. Esse relacionamento epistolar evoluiu para atividades de solidariedade literária. Livros caboverdianos, desta maneira, chegaram às mãos de editores brasileiros.

Essa correspondência, que trata de relações literárias entre o Brasil e o Cabo Verde, praticamente desconhecida no nosso país, merece ser divulgada. É o que demonstra uma carta cordial de José Osório de Oliveira a Manuel Lopes, que aqui vou transcrever:

“Poeta:

Antes do mais no “Boletim de Ariel” (Rio de Janeiro — R. Senador Dantas, 40 — 5º a . Ano V), de janeiro deste ano, vem um artigo meu onde se lê: “Dois poetas do Cabo Verde, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, vão dar-nos, o primeiro, *Arquipélago*, e o segundo, *Momentos*, dois livros de versos sobre o drama e a alma das “ilhas crioulas”. Um filólogo que se fez romancista — miraculosa transformação — vai dar-nos o romance do Cabo Verde. Chama-se o miraculado Baltasar Lopes da Silva e o romance *Expansão*.”

Não lhe mando essa revista porque, apesar de ser o correspondente em Portugal, não a recebo, tendo de a comprar dado o desleixo dos brasileiros. Mas mande à redação a *Claridade*, pedindo a permuta e o envio desse número de janeiro.”

Através da correspondência, José Osório de Oliveira recomenda a Baltasar Lopes que mande o seu romance para um editor brasileiro por intermédio de Lins do Rego ou Gilberto Freyre. Recomenda-lhe também que remeta a revista *Claridade* a Ribeiro Couto, que muito

se interessa por Cabo Verde (endereço: 136, Van der Astraat, La Haye, Pays Bas.). Aconselha que faça o mesmo para Jorge de Lima (Praça Floriano, 55 - 11º andar - Rio de Janeiro), e para Mário de Andrade (R. Lopes Chaves, 106 - São Paulo).

Despeço-me, neste ponto, do assunto literário, portanto do que é transfiguração do concreto, espiritualização dos elementos materiais, e passo a recordações do vivido e observações do que foi visto e ficou gravado ou refractado na memória.

Luis Romano, com a experiência inegável de quem viveu lá e cá, refere-se à semelhança entre Cabo Verde e o nordeste do Brasil. Essa similitude, no meu entender, vai mais longe: existe também com outras partes do Brasil. Excluindo os edifícios modernos, o que ainda hoje vemos na cidade de Praia não difere, porventura, do que se via em Florianópolis, há 30 anos. Recorda, sobretudo, o que em livro de 1937, Manuel Bandeira, cronista, chamava “a província do Brasil”: as cidades do interior mas também bairros e recantos do próprio Rio de Janeiro. Quando alguma pessoa, em Praia, passava por mim e, sem me conhecer, me cumprimentava, eu evocava Mogi das Cruzes ou Atibaia, cidades onde, na meninice, ia passar as férias. Aceito que a modernidade tenha tornado as pessoas indiferentes; o pior é que as tornou, por vezes, estúpidas.

Naturalmente, a visão da mestiçagem é o que mais aproxima, no nosso espírito, o Brasil ao Cabo Verde. A presença de Portugal sente-se, hoje, pouco no Brasil. Entretanto, nas primeiras décadas do século, era ainda tão intensa que chegou a fortalecer, como revide, atitudes de lusofobia. Era atacado, então, o borduega, o mondrongo. Ainda conheci uma Santos bem influenciada pelos portugueses. O meu lar paterno era ele mesmo “uma casa portuguesa, com certeza.” Mas, nas últimas décadas, esse lusismo se diluiu. O emigrante português deixou de vir para o Brasil e, além disso, a influência portuguesa desapareceu na imprensa. O nosso rádio nasceu cariquizante e às vezes chegou a sentir-se nele a presença da metrópole paulista. Por sua vez, a televisão apareceu e americanizou o Brasil, e, bem por baixo, o que é lamentável. Tenho a impressão de que ainda se sente

bem a presença de Portugal em Cabo Verde. Mas naturalmente há elementos próprios bem visíveis no Cabo Verde. Notei, nas classes baixas, especialmente, na mocidade, uma paixão muito intensa pela cor, o gosto pelos tecidos coloridos. A maneira dessas pessoas conversarem é extremamente vivaz, com voz muito alta e gestos em excesso. Às vezes, dão ao estrangeiro a impressão de que estão discutindo calorosamente, de que estão brigando.

Uma grande feira de camelôs, montada numa baixada da cidade de Praia, recebeu o nome bem brasileiro de Sucupira, em virtude da popularidade da telenovela “O Bem Amado”, de Dias Gomes.

No Hotel Solimar, três estrelas, creio, que é um dos lugares mais bem freqüentados e movimentados de Praia, conversei com dois representantes de firma dinamarquesa que está lançando o chope escandinavo nessas ilhas crioulas. Penso que o Brasil poderia colocar muitos dos seus produtos nesta nação amiga e, pode dizer-se até, irmã. É verdade que alguns deles já aparecem no arquipélago, como os que têm a marca “Perdigão”. Um casal paulista, Eleonora e Djalma Vidal, com quem fiz amizade em Praia, muito simpático e empreendedor, está trabalhando com ânimo na introdução de nossas mercadorias.

Interessou-me outro aspecto histórico de Cabo Verde que tem alguma analogia com o Brasil, do começo da República. Trata-se do caso dos “rebelados” da Ilha de Santiago, católicos adversos a mudanças na Igreja. É gente que vive em pobreza extrema nos recessos dos montes, lembrando os habitantes de Canudos que resistiram às forças militares da nossa República incipiente até a morte e destruição total. Felizmente o governo caboverdiano soube conviver com essa gente retrógrada e rebelde, à margem do progresso.

No passado, a composição da vida rural caboverdiana — morgados, rendeiros ou parceiros e trabalhadores — não diferia muito da sua congênere no Brasil descrita no clássico da nossa história social *Casa-Grande & Senzala*. No admirável romance *Ilhéu da Cotenda*, de Teixeira de Sousa que lembra a obra-prima *Fogo Morto*, de José

Lins do Rego, presenciamos a decadência da “casa-grande”, a ascensão social dos mulatos e a resistência de certos senhores brancos à miscigenação no plano da igualdade, o repúdio ao “feijão-mistura”.

No povinho pobre das ilhas, que joga no totoloto, encontro a mesma paixão pelo jogo das massas ignaras do Brasil.

Vi, na nova nação, a pobreza — e também em Lisboa —, como diariamente a testemunho aqui. Bem instalado num largo atrás do prédio imponente da Assembléia Legislativa, observava crianças remexendo no lixo... Os “meninos de rua”— bem menos lá do que aqui — são chamados de “piratinhas”, do mesmo modo que os batedores-de-carteiras, são aí chamados de “carteiristas”. Nas ruas fora do centro da cidade, como no Brasil, detritos, cascas de frutas, atestam a presença recente de elementos rurais ainda não integrados à vida urbana e seu código de higiene.

Não quero omitir a satisfação que tive ao passear pelas ruas planas e limpas do platô, com suas casas comerciais modestas mas simpáticas a este espírito talvez saudosista, um pouco adverso a supermercados e “shoppings”.

No seu largo central, onde os aposentados conversam sobre antigos episódios da história colonial ou relembram olvidados vínculos genealógicos, predomina a igreja de Sant’Ana em corretos moldes renascentistas. Nela, lembro-me de uma imagem de Nossa Senhora, singular, em altar à direita de quem entra, que não mostrava a beleza juvenil das Nossas Senhoras comuns, convencionais. Era uma Nossa Senhora de meia-idade, com a cabeça inclinada e uma expressão triste, piedosa. O manto e as vestes pareciam toscas. Todas as vezes que contemplei esta imagem impressionou-me a semelhança que nela encontrava com a figura macerada de Madre Teresa de Calcutá. Nos altares sente-se a lamentável falta de flores naturais, raras nessa ilha pobre de vegetação. São substituídas por flores de pano ou papel.

Noutro largo relativamente próximo, com o nome de dr. Antonio Lerenó, impõe-se a Escola Grande. Assim é chamada popularmente a

Escola de Formação de Professores Secundários, instituição educacional importante num país novo e pobre que carece ainda de universidade e envia seus estudantes mais ambiciosos ou obstinados para estudarem em Portugal e outros países, o Brasil inclusive. Nessa escola, encontrei um professor de pedagogia, que estudou durante anos na UNB, e que se lembrava de me ver no “campus” dessa universidade. Nesse instituto educacional, dei o meu curso de Literatura Brasileira, de duração de um mês, a duas dezenas de estudantes adultos, bem preparados e muito interessados na matéria. Participaram dele duas professoras que eram irmãs do Presidente da República e uma delas era esposa do ex-embaixador do Cabo Verde em Portugal, dr. Carlos Reis. Numa reunião social em sua casa, conheci alguns intelectuais de Angola e de Moçambique. O Departamento de Literatura da conceituada instituição acha-se sob a direção do prof. Arnaldo França, perfeito conhecedor das literaturas de língua portuguesa. Encontrei nele sempre o apoio generoso de igual modo que no diretor da Escola prof. Jorge Brito. No Instituto Caboverdiano do Livro, que ficava perto, fui muito bem recebido pelo seu diretor, o conhecido poeta dialetal Tomé Varela. A livraria dessa entidade expunha, em suas prateleiras, livros brasileiros.

Tive também o privilégio de encontrar em Cabo Verde, como Embaixador do Brasil, um antigo conhecido do Consulado de Nova Iorque, então dirigido pela poetisa Dora Vasconcelos: o Embaixador Nuno de Oliveira, cavalheiro inteligente e simpático, cuja assistência generosa foi de muita valia para mim. Ele e sua esposa, D. Heloisa, foram incansáveis para assegurarem o êxito do meu compromisso em Cabo Verde. O palacete da Embaixada do Brasil é um dos mais belos e originais de Praia. Seu desenho é do arquiteto Dubugras e, à sua entrada, chamam a atenção os azulejos de Athos Bulcão. A chancelaria da Embaixada, ao lado do Hotel Solimar, se situa numa bela encosta junto ao mar. Sua biblioteca atende aos estudantes da cidade, que carece de uma boa biblioteca municipal. No seu salão, pronunciei a minha conferência “Cruz e Sousa: O Mito do Poeta como Herói Moral”, para público muito interessado. A Embaixada de Portugal também abre ao público uma boa biblioteca.

Senti não conhecer o dialeto crioulo falado pela população de Cabo Verde, ao que parece, praticamente bilingüe. No linguajar africano explodem, de vez em quando, incrustações lusitanas bem claras que podem ser às vezes, em caso de pessoas vulgares ou moleques, retumbantes palavrões. Concordo perfeitamente com Luis Romano em que será impossível conhecer bem as características desse povo sem o domínio do seu dialeto. Tentei aprender alguma coisa dele, na minha curta estada na Ilha de Santiago, mas não consegui encontrar professor da matéria. A gente ilhoa instruída fala perfeitamente o português.

Nesse país, encontrei uma juventude mais obcecada pelo futebol do que a mocidade brasileira. Em todas as partes de Praia, a todas as horas do dia, vemos meninos, adolescentes ou mesmo marmanjões jogando o futebol com entusiasmo. Essa constatação leva-me a pensar na insuficiência do Estado e da sociedade, em nossos países terceiro mundistas, que não conseguem criar um plano de vida atuante e integral, baseado em valores educativos e culturais, para os moços. Esse é, a meu ver, o grande fracasso dessas nações. E os meios de comunicação, impregnados pela ambição capitalista do ganho, pondo de parte a ética, não só fazem muito mal como se esquivam a fazer o bem.

Depois da minha permanência em Cabo Verde, fiquei, creio, qualificado para associar-me aos que em Portugal, na África e no Brasil, trabalham benéficamente pela união dos países que falam a língua portuguesa. Aceitei, pois, em Lisboa, o honroso convite que me fez o Embaixador do Brasil, dr. José Aparecido de Oliveira, para participar do Congresso da Comunidade dos Países da Língua Portuguesa. Pude verificar que o conclave deu resultados promissores. Há muito, tenho uma grande fé nessa união, animada pelo luso-tropicalismo de Gilberto Freyre, pelas idéias messiânicas do meu antigo colega na Universidade de Brasília, o prof. Agostinho da Silva, um homem sábio e iluminado, e pela consciência pan-brasileira do Embaixador José Aparecido. Ele acalenta o “mito do Brasil”, de que fala Manuel Ferreira. Este luso-caboverdiano asseverou, a respeito de Pedro Cardoso e José Lopes, que estes intelectuais caboverdianos cultuavam, com paixão, “o mito

do Brasil”. E Ferreira assim explicita esse mito: “O Brasil, enquanto modelo de virtudes várias, pátria dos grandes valores culturais: lugar onde se forjou uma nova fisionomia humana e social.” Conclui o escritor citando “o vértice sonoro triangular – Portugal, Cabo Verde e o Brasil”, assim expresso pela visão culturalista de José Lopes:

“Vivo em ti, de alguns filhos na saudade,
E se em ti, tenho mais de uma amizade,
Tenho mais de uma lousa sepulcral...
Gravados na minha alma que assim sente,
Três nomes fulgurarão eternamente:
Cabo Verde, Brasil e Portugal!”

Foi esse “mito do Brasil” fulgurante, embora, na verdade, não destituído de aspectos trevosos, esse mito-verdade, apaixonante, mas sem omissões nem escamoteações, que interpretei Cabo Verde e em Portugal.

A última palavra deve ser sempre a dos poetas-profetas. Terminei o meu relato de viajante do ideal com um verso de um vate brasileiro, revolucionário no campo das idéias, homem sem mentira, Mário de Andrade que, no seu “Noturno de Belo Horizonte”, proclama convicto:

“Nós somos na Terra o grande milagre do Amor!”